

DORA KRAMER**COISAS DA POLÍTICA**

Ao sucessor, o problema

Jader Barbalho renunciou à presidência do Senado como quem faz o que deveria ser feito: sem estardalhaço, dramalhões, manifestações de histrionismo ou acusações à deriva. Não fosse o inusitado do gesto, dir-se-ia que foi uma renúncia quase burocrática. É possível que tenha frustrado expectativas, mas Jader saiu-se melhor que outros personagens da história recente das despedidas no Senado, evitando o exercício da mesquinha e do auto-elogio.

Não se pode imputar grandeza ao ato, porque resultou de um processo de acusações pesadas e de investigações que embora não tenham sido ainda concluídas, puseram o presidente do Senado em vários cenários de ilícitos. E isso, o próprio Jader foi levado a reconhecer, a nação não aceitaria.

Como, de resto, não aceitará que o desdobramento do episódio encerre arranjos ilegítimos. Seja do ponto de vista do desenrolar das investigações propriamente ditas, seja sob o aspecto da sucessão do presidente que ontem renunciou.

O Senado está, pois, desde às 17h de ontem com dois problemas para resolver: o destino do mandato de Jader Barbalho e o futuro da instituição. Ambos estão na dependência do nome que vier a ser escolhido pelo PMDB e aceito pelos outros partidos.

Depois de 45 minutos de discurso em que basicamente repetiu os argumentos que vem usando em sua defesa, Jader Barbalho transferiu a questão aos cuidados do sucessor. Está agora livre para tratar de si. E aí reside a delicadeza dos fatos daqui em diante.

Jader atribuiu seus males à própria ousadia política de ter enfrentado "o homem mais poderoso na República", mas ampliou as dimensões da briga dizendo que o verdadeiro motivo dela foi a sucessão presidencial.

Para ele, tudo teve origem no bom posicionamento que o PMDB conquistou no jogo do poder desde que o partido adquiriu unidade de comando, reunindo, assim, mais condições para conquistar um papel preponderante na composição das forças que disputarão os postos nacionais de destaque em 2002.

Não precisou pronunciar a sigla PFL, mas, para razoável entendedor, deixou entrever a legenda do PSDB e o nome de Fernando Henrique. Ao partidizar o problema, partidizou também a solução no que diz respeito a ele próprio. Ou seja, se o ataque foi feito ao PMDB, que se engrandecia no jogo do poder, cabe agora ao partido não se deixar acuar.

E não é preciso dar muitos tratos ao raciocínio para concluir que Jader espera do próximo presidente, um pemedebista, a inclusão da defesa de seu mandato na batalha conjunta contra aqueles que, segundo ele, sentiram-se ameaçados pelo avanço do PMDB.

Não é por outro motivo que o comando do partido faz tanta questão de que o sucessor seja o líder do PMDB no Senado. O plano sofreu um revés ontem, por causa da reação contrária do PFL e do PSDB, o que obrigou as lideranças pemedebistas – principalmente o candidato delas – a fingir um recuo e providenciar, rápido, uma articulação de aparente defesa da candidatura de José Sarney.

Cruz e caldeirinha

Caso o recuo definitivo seja inevitável – o que se verá hoje – e José Sarney aceite, estará o ex-presidente da República entre duas forças contrárias: o PMDB, a pressionar pela salvação de Jader e, no bastidor, Antonio Carlos Magalhães a usar de sua influência sobre Sarney para exigir a condenação.

Se aceitar, Sarney saberá desde logo da impossibilidade de assumir a posição que mais lhe agrada: a de magistrado com unanimidade da platéia. Sairá de seu retiro literário e entrará num lance de risco para quem já tinha conseguido recuperar a biografia, bem menos festejada na época em que deixou a Presidência da República.

Excesso de esperteza

Não obstante o efeito externo arrasador que teria a escolha do nome do atual líder do PMDB, nada pode ser descartado até que todos os martelos tenham sido batidos. Até porque as articulações dos pemedebistas têm mostrado total oposição entre intenções e gestos.

Na quinta-feira passada, quando o presidente Fernando Henrique acertou com lideranças partidárias que o substituto de Jader seria do PMDB, foi aprovada a seguinte lista: José Sarney, José Fogaça, Ramez Tebet e Gerson Camata, nesta ordem.

O nome do líder do PMDB sequer foi citado. Mas foi ele próprio quem, naquela noite, telefonou para Sarney a fim de "informar" que FH preferia o nome de Ramez Tebet. A intenção era passar a Sarney a idéia de que o Planalto o vetava. E assim foi interpretado.

O líder do PMDB ganhava ali um correligionário. No dia seguinte, a senadora Heloísa Helena, aliada do pemedebista, comunicou a Edison Lobão que o PT não queria Sarney. O PT depois negou o veto, mas Lobão, ciente de que Sarney queria a unanimidade, deixou-se impressionar.

E assim, com meias-verdades, o PMDB foi construindo uma candidatura à margem do combinado no Planalto. Esperto, é verdade, o movimento. Mas, talvez, um tanto excessivo e indiferente à norma segundo a qual a esperteza, quando é muita, vira bicho e come o dono.